

Cubatão

Os negros no mapa

Cidade tem maior população de habitantes que se dizem negros ou pardos na região. São eles os que mais sofrem com a desigualdade socioeconômica

4

por cento
dos negros e pardos
da Cidade
têm o Ensino
Superior completo

43,6

por cento
desses habitantes do
Município sequer
concluíram o Ensino
Fundamental

639,36

reais
é o rendimento médio
mensal de três em cada
cinco negros de Cubatão
(abaixo do salário mínimo)

EDUARDO BRÂNDÃO
DA SUCURSAL

Perdeu-se no tempo o nome do sargento que acobertou a fuga de mais de 300 escravos das fazendas cafeeiras do Interior paulista pelo Rio Casqueiro, em 1883. A odisséia, transcrita na obra *A Marcha*, do escritor cubatense Afonso Schmidt (1890-1964), eleva Cubatão à terra da liberdade para o grupo liderado pelo negro Adão. E o que era o caminho para a alforria (o comboio seguia para o Quilombo do Jabaquara, em Santos), hoje é uma mancha na política social da Cidade.

Um estudo do economista Jorge Pinheiro de Jesus, coordenador regional do Educafro, comprova aquilo que já se imaginava: o negro do Município foi empurrado para os bolsões de pobreza e para núcleos subnormais (favelas). E a presença dessa faixa da população nos bairros de classe média ou média alta é irrisória.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cubatão é a cidade da Baixada Santista com maior percentual de habitantes que se declaram negros e pardos (56,6%, ou 67.178 pessoas). Deles, mais da metade reside em núcleos onde faltam condições básicas de existência. Bertioga (51,4%) e Guarujá (52,2%) são os outros municípios da região onde a população negra e parda supera a branca.

Além das piores condições sociais, o negro cubatense tem os mais baixos níveis escolares: apenas 4% detêm Ensino Superior completo, e 43,6% nem sequer obtiveram diploma do Ensino Fundamental (da 1ª à 8ª série).

Arelado a esse perfil, os ganhos também são reduzidos: três em cada cinco afrodescendentes de Cubatão sobrevivem, em média, com R\$ 639,56 por mês – o salário mínimo nacional é de R\$ 724,00.

Para o sociólogo Cláudio José dos Santos, da Universidade Católica de Santos (Unisantos), o cenário cubatense se repete nos demais centros urbanos brasileiros. "É um contexto histórico que ainda precisará de décadas de políticas afirmativas para se resolver", diz. Ele afirma acompanhar, mesmo que de forma lenta, a ocupação de postos-chaves por negros.

"Há alguns anos, seria inimaginável o Supremo Tribunal Federal (STF) ser presidido por um negro (Joaquim Barbosa). A ascensão dessa parcela da população a melhores postos de trabalho e bons salários valida a política de cotas", considera.

E justamente a recuperação da autoestima, o ponto central da pesquisa, opina o diretor do Departamento de Igualdade Racial e Étnica de Cubatão, Júlio Evangelista Santos Júnior. "Desde a escravidão, o negro sentia vergonha de se declarar negro. Fato que tem mudado nos últimos anos e, por isso, no atual Censo do IBGE (2010), ficou evidente esse número".

Contudo, ele ainda classifica como tímida a aplicação de políticas públicas que permitam igual acesso a oportunidades. "Como reverter quase um século de indiferença da sociedade e do Poder Público? Por isso os negros e os nordestinos de Cubatão têm as piores remunerações e postos de trabalho".

Conforme acredita, o furo a esse bloqueio ocorrerá com o aumento do poder aquisitivo e a consolidação dos núcleos periféricos. "É levar cidadania ao cidadão. Assim, quando houver uma democracia racial de fato no Brasil, todas as políticas de cotas serão desnecessárias", resume.

Políticas alternativas, ainda necessárias

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Barbosa, é uma exceção num país no qual os negros não têm oportunidades idênticas às dos brancos, considera o sociólogo Cláudio José dos Santos, da Universidade Católica de Santos (Unisantos). "É um contexto histórico que ainda precisará de décadas de políticas alternativas para se resolver. (...) A ascensão dessa parcela da população a melhores postos valida a política de cotas". O diretor do

Departamento de Igualdade Racial e Étnica de Cubatão, Júlio Evangelista Santos Júnior, entende que ainda é tímida a aplicação de políticas públicas que propiciem igual acesso a melhores chances de qualificação e empregos mais bem remunerados, por exemplo – o que também se aplica à população nordestina residente na Cidade, em sua opinião. "Quando houver uma democracia racial de fato no Brasil, políticas de cotas serão desnecessárias"

Eles também sofrem violência física

Homens negros, em especial os jovens, são as principais vítimas da violência urbana do Estado de São Paulo. Assim aponta uma pesquisa do Grupo de Estudos sobre Violência e Administração de Conflitos (Gevac) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A análise sobre taxas para cada 100 mil habitantes indica que a mortalidade de negros é pelo menos três vezes maior que a de brancos. O resultado não é diferente em Cubatão.

Aliciados para servir ao tráfico ou submeter-se a subempregos (com piores remunerações e escassas oportunidades de promoção), jovens negros de áreas periféricas são as principais vítimas de assassinatos. Nesse ambiente violento, números superam os registrados em guerras civis, como menciona o diretor do Departamento de Políticas para a Juventude, Thiago Macedo.

Para mudar essa realidade, Cubatão finaliza a adesão ao Plano Juventude Viva, do Governo Federal. "A ideia é ocupar a periferia com arte, conhecimento e formação de jovens lideranças políticas nas comunidades", afirma. Em Cubatão, 32,5% da população negra tem entre 15 e 29 anos. E em cada quatro afrodescendentes está na faixa etária de zero a 14 anos.

Concebido para enfrentar as causas de extermínio de pessoas com idades entre 18 e 29 anos, o programa é uma intensa articulação que envolve acesso à Educação, à Cultura, geração de renda e cidadania. Com a formalização do pacto, o Município torna-se apto a receber recursos da União para aplicar em políticas públicas que assegurem a inclusão social, com a oferta de equipamentos e serviços.